

## **Um Lugar Memorável: a Faculdade da Educação/UFRGS, entre afetos e trabalho (1970-2016)**

Doris Bittencourt Almeida<sup>1</sup>  
Valeska Alessandra de Lima<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre/RS – Brasil

**RESUMO – Um Lugar Memorável: a Faculdade da Educação/UFRGS, entre afetos e trabalho (1970-2016).** O presente texto propõe-se a tematizar memórias referentes à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, instituição de ensino que, há mais de quatro décadas, é responsável pela formação de professores. A pesquisa se inscreve no campo da História da Educação, em suas interfaces com a História das Instituições Educativas. Privilegiaram-se narrativas de memória oral como documentos e, para além, notícias veiculadas pela imprensa de grande circulação, atas de reuniões, projetos de extensão que, articulados, compõem o corpus empírico desta investigação. Problematizou-se a década de 1980, analisando o processo de guinada empreendido na Faculdade, em suas interfaces com o contexto político vivido no país.

**Palavras-chave: História da Educação. História das Instituições Educativas. História Oral.**

**ABSTRACT – A Memorable Place: the School of Education/UFRGS, between affection and work (1970-2016).** The proposal of this paper is to address memories related to the School of Education of Universidade Federal do Rio Grande do Sul, an educational institution which is, for more than four decades, responsible for teacher training. The research falls within the field of History of Education in its interfaces with History of Educational Institutions. It highlights narratives of oral memory as documents and, in addition, press reports widely circulated, meeting minutes and outreach projects which, when articulated, make up the empirical corpus of this investigation. The 1980s were problematized by the analysis of the turning process undertaken at the School in its interface with the political context lived in the country.

**Keywords: History of Education. History of Educational Institutions. Oral History.**

## O Exercício do Lembrar: memórias orais e história da educação

As instituições educativas, como as pessoas, são portadoras de uma memória. Uma memória factual, assente na transmissão oral [...]. Uma memória gerada por contraposição com outras memórias, que corre ao ritmo do tempo – o tempo da ou das pessoas, o tempo das gerações. Uma memória que encalha no acontecimento. Uma memória em torno do fabuloso e do heroico. Uma memória constituída por relatos e representações, simbólicas ou materiais, sedimentadas ou mediatizadas por histórias e crônicas. Uma memória integrada nas práticas do cotidiano (Magalhães, 1999, p. 9).

Neste estudo, tematizam-se memórias referentes à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, instituição de ensino que, há mais de quatro décadas, é responsável pela formação de professoras e professores em Porto Alegre/RS. Em um processo de escavação de memórias, aqui se privilegiaram narrativas de memória oral como documentos e, para além, notícias veiculadas pela imprensa de grande circulação, atas de reuniões, projetos de extensão que, articulados, compõem o corpus empírico desta investigação<sup>1</sup>. Neste escrito, procuramos conduzir o leitor a percorrer outros tempos, como diz Magalhães (1999) “o tempo das pessoas, o tempo das gerações”, dos quais restam apenas vestígios que permitem a produção de histórias da Faculdade de Educação.

A pesquisa se inscreve no campo da História da Educação, em suas interfaces com a História das Instituições Educativas. Entendendo a FAGED como um “lugar memorável” (Ricoeur, 2007), como um “esteio de identidades sociais” (Delgado, 2010), desenvolveu-se o projeto intitulado *Memórias e Histórias da FAGED*<sup>2</sup>, que busca, notadamente, por meio da História Oral, produzir testemunhos históricos acerca dessa instituição.

Magalhães (1999, p. 69) discute a relevância desses estudos, a partir de uma perspectiva que rejeita narrativas lineares e meramente descritivas. Alerta para a importância de contextualizar as instituições junto às comunidades nas quais se insere para que, assim, seja possível “[...] reescrever-lhe o itinerário de vida na sua multidimensionalidade, conferindo um sentido histórico”.

Na esteira desse pensamento, Chartier (2002, p. 63) ressalta o desejo dos historiadores em compreender o papel dos sujeitos na construção da história. Propõe *novos* objetos de estudo, que não se limitem às esferas econômica e social, como “[...] as atitudes diante da vida e da morte, os rituais e as crenças, as estruturas de parentesco, as formas de sociabilidade, os funcionamentos escolares”. Reconhece as micro-histórias<sup>3</sup> como estratégias singulares, que se opõem às grandes narrativas e que permitem a reconstrução do mundo social a partir de situações particulares.

Também Corbin (2005, p. 27) salienta a relevância de temas considerados pouco habituais, por promoverem o desenvolvimento de uma maior percepção às particularidades, aos detalhes que constroem a investigação. Segundo o autor: “[...] não se pode julgar um objeto histórico só pelo tamanho, sem saber o que é capaz de fazer dizer”. Portanto, esta pesquisa opera com análises de memórias, no sentido do quanto são capazes de *fazer dizer* sobre um tempo e uma experiência histórica.

Há muitos anos, o prédio da Faculdade de Educação é uma espécie de ícone, destacando-se por sua arquitetura modernista, arrojada para os anos 1960, em meio ao Campus Central da UFRGS. Ao longo de décadas, uma grande quantidade de pessoas tem circulado por esse espaço, para alguns, é lugar de trabalho, para outros, de estudo. Professores, estudantes, funcionários percorrem todos os dias seus dez andares, sozinhos ou em grupos, cada qual com uma intenção, muitos têm pressa, urgência em seus afazeres cotidianos, talvez pouco conheçam sua história.

“As entrevistas são eventos que contam” (Errante, 2000, p. 143), esta máxima acompanhou o desenvolvimento da pesquisa. Muito do que aqui é dito dialoga diretamente com as narrativas de professores da Faculdade que, neste estudo, foram tramadas. As memórias são labirínticas, plurais e indomáveis, portanto, por mais que exista um roteiro de entrevista, por mais que o pesquisador se esforce para conduzir este evento de modo direcionado, é o depoente quem decide o rumo da conversa. Ele escolhe o que quer falar. Portanto, ao analisarmos o conteúdo discursivo presente nas narrativas, percebemos que três grandes temas foram recorrentemente evocados: a constituição da FACED no contexto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; as constantes greves nos anos 1980 e 1990; os difíceis anos da ditadura civil-militar<sup>4</sup>. Aqui nos dispomos a problematizar os anos 1980, analisando o processo de “guinada” (Flamboyant; Projeto..., 2012) empreendido na Faculdade, em suas interfaces com o contexto político vivido no país, não sem antes destacar alguns aspectos emblemáticos da década de 1970.

Importa dizer que a pesquisa em questão teve seu início com a organização do Arquivo da Faculdade de Educação. Em 2010, ao vasculhar uma pequena sala no sexto andar do prédio, encontraram-se muitas caixas com inúmeros papéis, dispostas em estantes coladas umas nas outras, sem possibilidade de deslocamento. Percebeu-se a urgência de uma ação que preservasse o quase esquecido arquivo documental, que se constitui em um testemunho da instituição. Na continuidade da ordenação do Arquivo, iniciou-se a produção de um acervo de memória oral, tendo como narradores professores de longa data da Faculdade. Assim, produziram-se dezessete entrevistas e uma Roda de Memórias.

Sobre a realização das entrevistas, cumpre dizer que a maioria delas aconteceu nas dependências do prédio da Faculdade, pois muitos professores ainda frequentavam este espaço. Três encontros se desenvolveram em suas residências e um deles quis ser entrevistado em seu

local de trabalho, uma outra instituição de ensino superior. Nossas memórias não são espontâneas, precisam ser estimuladas por evocadores. Estar no prédio facilitou o trabalho de lembrar. Assim, enquanto falavam, olhavam para os lados, indicavam a localização das salas, dos móveis, percebendo mudanças internas e externas.

Sendo essa uma pesquisa sobre memórias da Faculdade, ancorada em grande parte na metodologia da História Oral, apresentamos, ainda que de modo preliminar, alguns aspectos recorrentes nas entrevistas. Observamos que os docentes, via de regra, fazem uso de vocabulário sofisticado, da mesma forma, demonstram capacidade de sintetizar informações, preocupando-se em didatizar a própria fala. Podemos dizer que tais evidências os colocam em um lugar característico de professores do ensino superior.

Embora procurássemos sujeitos com muitos anos de trabalho na Faculdade, encontramos alguns aposentados, enquanto outros não. Entretanto, percebemos que a grande maioria ainda estava inserido no ambiente acadêmico, desenvolvia atividades na Graduação e/ou Pós-Graduação, na própria UFRGS ou em outras instituições de ensino superior, como ilustra o Quadro 1 a seguir.

**Quadro 1 – Área de Atuação e Formação dos Entrevistados**

Atuação
01. Professor(a) FACED/UFRGS
02. Professor(a) aposentado(a)
03. Professor(a) UNISINOS
04. Professor(a) aposentado(a)
05. Professor(a) FACED/UFRGS
06. Pró-Reitor de Graduação
07. Professor(a) colaborador(a) FACED/UFRGS
08. Professor(a) PUCRS
09. Professor(a) aposentado(a)
10. Professor(a) UNILASALLE
11. Professor(a) FACED/UFRGS
12. Professor(a) colaborador(a) FACED/UFRGS
13. Professor(a) Faculdade de Administração UFRGS
14. Professor(a) aposentado(a)
15. Professor(a) FACED/UFRGS
16. Professor(a) colaborador(a) FACED/UFRGS
17. Professor(a) UNIRITTER

Fonte: Acervo de Memória Oral/ Arquivo da Faculdade de Educação/UFRGS.

Dos dezessete entrevistados entre 2011 e 2014, quatro trabalhavam em cursos de Graduação da FACED. Três, apesar de aposentados, atuavam como docentes colaboradores junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, sendo assim, continuavam ministrando aulas e orientando alunos nos Cursos de Mestrado e Doutorado. Quatro

estavam vinculados a outras instituições de ensino superior e apenas outros quatro se encontravam efetivamente afastados da vida universitária, que por tantos anos fez parte de suas trajetórias. Por fim, um dos professores, à época, ocupava o cargo de Pró-Reitor de Graduação na UFRGS e outro exercia suas atividades profissionais na Faculdade de Administração da mesma Universidade.

Com relação à formação, cumpre dizer que nem todos possuíam a titulação de doutores. Há aqueles que optaram, por diferentes razões, em permanecer apenas com a graduação (01) ou com o título de mestre (03). Explicaram que o fato de não buscarem qualificação acadêmica foi uma escolha, minimamente exploraram o porquê da tomada de tal decisão. À exceção de uma professora, as outras três não valorizaram a Pós-Graduação *stricto sensu* como algo significativo em seus percursos profissionais. Plátano (Projeto..., 2013) justificou o excesso de trabalho como um inibidor que a impediu de avançar nos estudos, “não havia tempo para fazer o Doutorado”. Ao ser indagada sobre os motivos pelos quais não investiu no aprimoramento acadêmico, Paineira (Projeto..., 2011) argumentou que “[...] as coisas da educação, Mestrado e Doutorado não iam me acrescentar em nada, entendeu? Nada, nada, nada, [...] eu nunca me interessei por isso”. Continuando a discorrer sobre o assunto, questionou a continuidade dos estudos, indagando “Como se sujeitavam a uma coisa dessas?”. Justifica sua posição considerando os níveis de ansiedade e dificuldades enfrentadas por aqueles que assumem a decisão de produzir um trabalho que agregue conhecimento científico.

Contudo, chama-nos atenção o depoimento de Grevilha (Projeto..., 2010), que, às vésperas da aposentadoria compulsória, iniciou e concluiu o Curso de Doutorado em uma Universidade privada. Sua atitude de voltar a estudar evidencia, quiçá, um desejo de se desestabilizar, de sair de uma zona de conforto. Além disso, é preciso dizer que a mudança de titulação implica em melhoria salarial. Em sua fala, demonstrou preocupação com o viés social da Universidade Pública, pois diz não ter se sentido à vontade, aos setenta anos, em ocupar uma vaga que poderia ser de um estudante mais jovem:

Fui fazer lá [...] porque era uma coisa que eu sentia que eu devia para mim e para a instituição. [...] eu tenho tanta aluna jovem que não pode pagar o curso e eu posso pagar, mesmo fazendo um certo esforço. Eu achei que não devia ocupar o lugar de uma jovem, [...] não fico devendo para mim, nada! (Grevilha; Projeto..., 2010).

Avaliando as entrevistas desenvolvidas, uma constatação evidente: o significado da FACED na construção das identidades dessas mulheres e homens que escolheram essa instituição de ensino como lugar de ofício docente. Assim, pode-se dizer que, de modos distintos, todos identificaram a FACED como uma referência em suas vidas. Ébano Oriental (Projeto..., 2011) encarou as alegrias e dissabores de sua experiência na Faculdade como um verdadeiro “[...] pacto com o diabo, no

melhor sentido [...]. É uma entrega completa, essa que experimentamos quando nos tornamos professores”. Deste modo, a narradora localizou a Faculdade como uma *bússola* em seu itinerário profissional, invadindo, talvez, outras dimensões para além do mundo do trabalho.

Esse sentimento de entrega à instituição fica perceptível em alguns docentes quando demonstraram, ao longo da conversa, uma postura indissociável entre vida pessoal e profissional. Como diz Paineira (Projeto..., 2011), “[...] a gente comia aqui, dormia aqui, esse prédio eu sei de cor e salteado, lá de cima até lá no térreo. Minha vida foi aqui dentro, literalmente assim, sabe. Eu morava aqui dentro desse prédio”.

No entanto, o entendimento da Faculdade como quase extensão do lar não é unanimidade. Em conversa, dois professores debateram essa questão, um deles disse que a FACED “representa para nós uma segunda casa”, porém, seu interlocutor argumentou “essa não é a nossa casa!” (Palmeira; Projeto..., 2011). Isso faz pensar nas subjetividades que se interpõem nas relações pessoais e profissionais que podem se misturar e se confundir ao longo de tantos anos trabalhando em um mesmo lugar.

De tudo que escutamos, podemos inferir que os depoentes construíram laços de afeto com a Faculdade e, mesmo aqueles que guardam algum ressentimento, não se furtaram de valorizá-la em sua constituição docente: “a minha vida se deve à UFRGS, mas [...] a minha afirmação [...] aconteceu depois que eu saí daqui” (Mimo de Vênus; Projeto..., 2012).

Passado e presente se entrelaçam nas narrativas de memórias. É assim que falaram das dificuldades, dos desafios cotidianos, evocaram as constantes manifestações grevistas, as incertezas em ser professor do ensino superior nos anos 1980 e 1990, diante do processo de sucateamento enfrentado pela UFRGS. Recordaram a ausência de concursos públicos e a grande quantidade de professores substitutos. Como marcas positivas, ressaltaram o vanguardismo da Faculdade, a partir da década de 1980, considerando o acolhimento aos movimentos sociais, o respeito à escola pública, as discussões sobre a implantação das políticas de cotas raciais e sociais, os projetos de educação popular, entre outros.

## A Década de 1970 na FACED

Nós éramos sujeitos a ter sempre ‘alguém’, principalmente aqui, porque, além de tudo, era a Faculdade de Educação (Bordas; Andreola, 2010, p. 307).

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na década de 1970, foi fortemente influenciada pelas mudanças impostas pelo regime militar, a partir de 1964. O modelo administrativo e estrutural da UFRGS nas primeiras décadas dos anos 2000 é, em sua essência, herdeiro do pa-

radigma de educação superior implantado pela ditadura civil-militar. A partir da Reforma Universitária de 1968<sup>5</sup>, foi possível a constituição dos cursos de Pós-Graduação (*stricto e latu sensu*), a extinção das cátedras, a compreensão de que ensino e pesquisa são indissociáveis, a dedicação exclusiva dos docentes à Universidade, a criação dos departamentos<sup>6</sup>, entre outras ações. Cumpre ressaltar que foi naquele contexto que esta Faculdade de Educação teve seu início, em 1970, como Unidade Acadêmica, não mais vinculada ao Departamento de Educação da Faculdade de Filosofia<sup>7</sup>.

O prédio que hoje sedia a Faculdade teria sido erguido com outras intenções, primeiramente com o objetivo de abrigar a sede do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP)<sup>8</sup> em Porto Alegre. Outra versão seria a de representar um símbolo de resistência (Doll; Comerlatto, 2010) e impedir que a ampliação de uma avenida invadisse o Campus Central da Universidade, repartindo-o, mais uma vez<sup>9</sup>. Enfim, a construção do edifício de dez andares consolidou o espaço ocupado pelo Campus Central na cidade e impediu o traçado de outra via pública. Entretanto, o INEP nunca chegou a ocupá-lo.

Na sequência, quem primeiramente se instalou no *novo* prédio foi o Colégio de Aplicação (Paes, 1983) em 1966, que, há mais de uma década, sofria com a falta de um lugar adequado para instalar-se<sup>10</sup>. A partir de 1970, os cinco últimos andares foram reservados à Faculdade de Educação que, como hoje, compreendia o Curso de Pedagogia, o oferecimento das disciplinas pedagógicas às demais licenciaturas e o Curso de Pós-Graduação em Educação (CPGEDU)<sup>11</sup>, um dos primeiros deste nível na UFRGS.

Implantado em 1972, o Curso de Mestrado em Educação<sup>12</sup> possuía três áreas de concentração: ensino, planejamento educacional e psicologia educacional. Nas memórias de um entrevistado, “[...] o governo estava querendo incentivar a pós-graduação e nós [FACED] não podíamos deixar de estar presentes, [...] pois nós tínhamos condições [...]” (Cinamomo; Projeto..., 2012).

Segundo Cinamomo (Projeto..., 2012), os anos 1970 representavam a consolidação de políticas que vinham sendo gestadas, desde as décadas de 1950 e 1960, para promover mudanças significativas na educação. Por exemplo, com a implantação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)<sup>13</sup> foi possível a expansão e instalação da Pós-Graduação *stricto sensu* no Brasil, tendo como modelo a Universidade norte-americana, procurando formar profissionais diferenciados daqueles que apenas possuíam a titulação de Graduação. Devido a acordos firmados entre o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e a *United States Agency for International Development* (USAID) norte-americana, os “primeiros professores, com raríssimas exceções, vieram dos Estados Unidos” (Bordas; Andreola, 2010, p. 304).

Como consequência da ampliação da Pós-Graduação, ocorreu em 1976, a implantação do Doutorado em Ciências Humanas – Educação<sup>14</sup>,

com área de concentração em processos de ensino-aprendizagem. Naquele mesmo ano, houve o lançamento do primeiro número da Revista Educação & Realidade, pois editar uma revista própria “[...] simbolizava que já se tinha alcançado um nível acadêmico adequado e o nome escolhido pretendia significar o compromisso da Faculdade com a realidade circundante” (Cinamomo; Projeto..., 2012).

E como seria a Faculdade naqueles anos 1970? Seria um lugar distinto do que hoje se apresenta? Especificamente falando do Curso de Pedagogia, sabemos que um diminuto grupo de pessoas tinha acesso à formação em nível superior. Em tempos de pouca gente na escola, raros eram aqueles que conseguiam ingressar na Universidade Pública. As entrevistas indicam que as alunas da Pedagogia se mantinham em uma condição de *enclausuramento* no prédio da Faculdade e dele não saíam, nem ao menos para fazerem seus estágios que eram realizados nas turmas do Colégio de Aplicação, alguns andares abaixo das salas em que estudavam.

Aquele era um tempo em que, quem cursava Pedagogia se formava como administradora, supervisora, inspetora, orientadora escolar, ou, então, professora nas Escolas Normais. Eram essas as habilitações do Curso (Facchin, 1973). Porém, nenhuma dessas habilitações estava efetivamente direcionada à docência dos primeiros anos de escolarização. E quem seriam as professoras da Faculdade? Chamadas de “eduquesas” (Paineira; Projeto..., 2011) por uma narradora, possivelmente por carregarem certa *nobreza*, por se considerarem as responsáveis pelas futuras pedagogas. Merion Bordas lembrou que esta instituição era conhecida como “a Faculdade das mulheres da educação” e, segundo ela, essa ideia se constituiu como um estereótipo, uma marca que “levou muito tempo para desaparecer” (Bordas; Andreola, 2010, p. 302).

Os anos 1970... quem poderia passar incólume diante da privação de seus direitos políticos? Época difícil para uns, talvez indiferente para outros. Houve professores da UFRGS expurgados<sup>15</sup>, muitos deles da Filosofia, considerada “um antro” (Bordas; Andreola, 2010, p. 302) pelos militares. Segundo Bordas e Andreola (2010, p. 303), “[...] aproveitaram-se muito questões pessoais de inveja e de discrepâncias para denunciar coisas que nem existiam... nós perdemos muita gente de valor naquela época”.

Para Fernando Becker (2008, depoimento), aquele tempo deixou “marcas terríveis”. Houve “[...] vários colegas presos, inclusive um submetido à tortura. Havia um mal estar permanente, a gente sentia uma paranoia coletiva que chegávamos a dizer: em quem se pode confiar?” (Becker, 2008, depoimento). Para ele, os primeiros anos da Faculdade de Educação foram difíceis, pois era preciso “filtrar e filtrar” o que se falava. Contudo, “[...] a relação boa com os alunos [...] se dava muito no bar, aquela relação impossível na sala de aula se dava no bar, ou ainda no DCE, [...] onde a gente tinha conversas significativas, políticas, de

confiança, porque na sala de aula era impossível” (Becker, 2008, depoimento).

A narrativa deste professor demonstra o cuidado que deveriam ter em suas falas corriqueiras, o temor de revelarem seus sentimentos e pensamentos, mas também indica o desejo de não se conformar com uma situação difícil. A década seguinte prometia mudanças, anunciava-se um novo modelo de país e de Universidade. Naquele contexto, a Faculdade de Educação iniciou um processo de legitimação como lugar de formação docente comprometida politicamente com a educação pública.

### **Democratização, Participação e Política: ‘um novo desenho da FACED’<sup>16</sup>**

Deu prá ti anos 70<sup>17</sup>

Os anos 1980 podem ser considerados um marco na história da Faculdade de Educação. Na interface com o clima de redemocratização vivido pela sociedade brasileira, professores e estudantes, sentiram a necessidade de repensar o Curso de Pedagogia. Obscuridade, interferências de concepções estadunidenses nos rumos da Faculdade, medo generalizado, ausência de leituras de autores como Paulo Freire, cederam espaço a novos ares. Aos poucos, os brasileiros resgatavam a cidadania perdida.

De acordo com as atas de reuniões da década de 1980<sup>18</sup>, três eram os princípios orientadores da Faculdade: *democratização, participação e retomada do conceito de coisa pública*. Parece-nos que a intenção era refletir acerca do papel da FACED, fazer uma autocrítica e, concomitantemente, construir novas perspectivas. Condenava-se o distanciamento da função social da Universidade, algo característico dos anos 1970, e a proposta era fortalecer novas políticas, aliadas a um espírito de luta, coerente com aquele contexto.

Definido como momento de “botar o pé no barro” (*Flamboyant; Projeto..., 2012*), o Curso de Pedagogia<sup>19</sup> deixou de preparar professoras apenas para lecionarem na Escola Normal ou para assumirem cargos de administração escolar. Foi na década de 1980 que ocorreu uma reformulação curricular que abrangia também o estágio obrigatório. Foram extintas as antigas habilitações, com exceção das matérias pedagógicas da Habilitação Magistério, e incluída a formação para a Pré-escola e primeiras séries do Primeiro Grau de Ensino. Acabou-se a exclusividade dos estágios apenas no Colégio de Aplicação. Antigas concepções de que a UFRGS era uma Universidade “da elite para a elite” (Mimo de Vênus; *Projeto..., 2012*) começavam a mostrar sinais de esgotamento diante do cenário que se anunciava no país.

Nos anos 1980, parece ter mudado aquele modelo de docente da FACED do período anterior. Para aonde teriam ido as “eduquesas” (Pai-

neira; Projeto..., 2011)? Novas professoras ingressaram na FACED por concurso público. Em comum, o fato de serem jovens e contarem com a experiência de trabalho, especialmente em escolas públicas. Nem todas tinham sequer a titulação de Mestres que, via de regra, foi adquirida anos depois no Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS. As entrevistas realizadas nos permitem concluir que havia um sentimento de entusiasmo por estar trabalhando na UFRGS. Chegavam a um espaço profissional que carregava as marcas do conservadorismo, próprias de uma instituição fundada em pleno regime militar. De qualquer modo, ser aprovada em concurso para a Faculdade de Educação da UFRGS e poder colaborar na formação de outros docentes, provavelmente, foi algo que promoveu uma espécie de ruptura na vida profissional daquelas mulheres<sup>20</sup>.

Segundo os narradores, essas recém-concursadas *assustaram* os mais antigos com suas *ousadas* atitudes. Começaram a trazer para a Faculdade crianças das escolas públicas, provocando um dinamismo inusitado naquele lugar que, embora convivesse com o Colégio de Aplicação, não conhecia os alunos da rede pública estadual e municipal. A partir daí, uma outra cultura escolar começou a se colocar, comprometida com a escola pública, engajada politicamente.

A Faculdade passou a respirar os “ares novos [...] da abertura de um grande consenso. Que até surpreendeu!” (Jacarandá; Projeto..., 2011). Apesar dos pensamentos divergentes na FACED, o corpo docente assumiu a necessidade de passar a decidir tudo coletivamente. Parece que havia uma urgência em falar, de expor aquilo que foi oprimido durante mais de vinte anos. Era preciso se assumir como sujeitos políticos. Foram tempos de exercício da arguição, de aprender a escutar o outro, de discutir muito para depois, então, deliberar. Assim, ocupar cargos na Faculdade era importante e quem os ocupava representava grupos e ideologias.

Os entrevistados recordaram que as eleições assumiam uma proporção grandiosa no cotidiano de trabalho. Nada de imposições, compunham-se chapas com disputas acirradas. Segundo Flamboyant (Projeto..., 2012), “[...] tinha que tomar posição e havia professores que sofriam com isso, às vezes a gente tinha discussões que chegavam quase a se ofender, quando as pessoas tinham esses lados bem opostos”.

E todos esses debates aconteciam notadamente em dois lugares preferenciais: o pátio, no andar térreo da Faculdade, hoje transformado em um auditório<sup>21</sup>, e a sala 601, lugar associado às greves, pois lá era o local costumeiro das assembleias. Lembraram também que as quartas-feiras era o dia da comunidade se reunir, dia em que se fazia uma parada no cotidiano e lá se encontravam para debates de temas que interessavam ao coletivo.

Os docentes falaram dos alunos que também viveram esse momento, em especial considerando sua participação no Diretório Acadê-

mico. Comentaram que os mais conservadores detestavam a presença de estudantes em reuniões docentes, mas os novos concursados não se intimidavam, defendendo os discentes que, em seu entendimento, precisavam ser acolhidos e escutados.

1985... fim de um período ditatorial no Brasil. Momento confuso. Iam-se os militares, permaneciam muitos daqueles que defendiam sua presença. Ainda não seria o momento de eleições diretas. Um colégio eleitoral fez de Tancredo Neves presidente, que veio a falecer antes de sua posse, assumindo o mandato seu vice, José Sarney, partidário dos militares, representante das oligarquias do Nordeste. Nascia a *Nova República*. Época de sucessivas políticas de contenção da inflação, que, em 1989, chegou a atingir o índice anual superior a 1000% (Del Priore; Venancio, 2010). Emergência de discursos neoliberais que se traduziram nos modos de gestão dos espaços públicos e se arrastariam pela década seguinte. Todavia, um aspecto muito importante: a convocação de uma Assembleia Constituinte, em 1988, chamada de “Constituição Cidadã”, que “[...] tinha a missão de encerrar a ditadura, com o compromisso de assentar as bases para a democracia no país [...]” (Schwarz; Starling, 2015, p. 488).

Na Faculdade de Educação, sentiam-se ecos do contexto brasileiro que se misturavam às lutas pela soberania popular, aliado a um período de forte crise econômica. Democracia e recessão invadiam a FAGED que percebia o avanço paulatino do neoliberalismo, evidenciado no processo de desmonte dos setores públicos que atingiria seu auge nos anos 1990. Consequência direta: muitas greves de servidores. Entretanto, em meio a tamanhas dificuldades, os novos tempos indicavam que a UFRGS precisava de mudanças, entre elas, a necessidade da aproximação mais efetiva da realidade vivida pelas classes populares, emblematicamente representada pelo Programa PERICAMPUS, que será abordado na sequência.

### **“Anos 1970 não Deu pra Ti e nos 80 Eu não Vou me Perder por aí”<sup>22</sup>**

[...] os movimentos de greves foram movimentos bonitos, bonitos no sentido de organização, de como nós nos colocávamos entre pares, nas discussões, as próprias polêmicas vividas entre nós, isso foram momentos bonitos (Ipê Amarelo; Projeto..., 2011).

As mobilizações políticas da década de 1980, fortalecidas pela coesão de diversos setores da sociedade, foram encaradas pelos narradores como disparadores para as transformações que começavam a ser efetivadas, inclusive no interior da Faculdade de Educação. Vivia-se um momento em que se ampliavam as ações de luta, unindo contingentes em grandes marchas públicas. É assim que professores universitários e das redes estaduais, bancários, metalúrgicos, entre outras categorias, passaram a reivindicar seus direitos por meio de greves.

Neste sentido, as falas dos docentes transbordaram evocações comuns. Quase todos, quando indagados sobre aquele período de eferescência política, falaram das primeiras greves do Ensino Superior. Na tentativa de nos aproximarmos daquela realidade, procuramos perceber como cada um rememorou, a partir dos detalhes apresentados e, paralelamente, discutir como as grandes greves das Universidades Federais ressoaram na FACED.

Os entrevistados enfatizaram que as paralisações deflagraram um processo de busca de afirmação da profissão docente. As tensões sociais chegavam à UFRGS que se uniu às demais Universidades públicas brasileiras em lutas por concursos, melhores salários e planos de carreiras, entre outras demandas, pois “[...] houve um período em que os salários estavam muito baixos, muito baixos e isso acabou estourando a primeira greve na universidade que foi em oitenta” (Jacarandá; Projeto..., 2011).

Nos primeiros três anos da década de 1980, as paralisações ocorreram anualmente, com duração de 20 a 84 dias<sup>23</sup>, conforme o Quadro 2, a seguir:

**Quadro 2 – Greves nas Universidades Federais**

ANO	Duração	IFES em greve
1980	26 dias (16/11 a 11/12/1980)	19 universidades autárquicas e mais 7 escolas
1981	20 dias (11/11 a 01/12/1981)	19 universidades autárquicas e mais 5 escolas
1982	32 dias (18/11 a 20/12/1982)	18 universidades autárquicas e mais 3 escolas
1984	84 dias (15/05 a 07/08/1984)	19 universidades autárquicas e mais 8 escolas
1985	45 dias (10/08 a 23/09/1985)	16 universidades fundações
1987	44 dias (25/03 a 07/5/1987)	45 IFES (autarquias e fundações)
1989	66 dias (08/05 a 13/07/1989)	42 IFES

Fonte: SEDUFMS (2012).

Observa-se que, à medida que a década avançava mais instituições federais se somavam às mobilizações, pois seu número dobrou de 26 em 1980, para 45, em 1989. Conforme destacado anteriormente, aquela foi uma época em que a inflação alcançou índices gigantescos afetando a todos os brasileiros. De certa forma, isso explica as constantes e repetitivas reivindicações pautadas na questão salarial e aposentadoria integral.

As lembranças das greves se emaranharam a outras, como a *Campanha das Diretas Já!*, em 1984. É assim que Ébano Oriental (Projeto..., 2013) descreve que aquele

Foi um ano de muita mobilização também. Daí, tudo se mistura na minha cabeça, a história das diretas com a greve, prá mim parece que tudo é a mesma coisa, e eu acho que em alguns momentos até foi mesmo, por-

que os docentes iam prá rua e se misturavam com outras categorias que estavam reivindicando um mundo novo, um Brasil melhor, relações mais diretas, mesmo.

Sobre a adesão às paralisações, os docentes apontaram a importância de quase atingirem cem por cento de suspensão das aulas, em alguns momentos, sem a divulgação dos conceitos finais dos alunos. Tais ações constituíram-se em resistências, na tentativa de pressionar o governo federal, a fim de que fossem atendidos em suas reivindicações. A imprensa (Figura 1) de grande circulação em Porto Alegre publicava reportagens sobre o andamento das negociações das greves. Este é um exemplo:

Figura 1 – Jornal Zero Hora 28/11/1980 (acima) e 17/11/1980 (direita)



Fonte: Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

*Nessas memórias*, entendidas aqui, sobretudo pelo seu caráter social (Pollak, 1992), sujeitas a modificações decorrentes do passar dos anos, foi possível observar que os professores apontaram, de modo geral, os mesmos episódios e recordaram, com certo saudosismo, a atuação da comunidade universitária à frente desses movimentos. Para eles, a FAGED experimentou um “amplo movimento participativo” (Jacarandá; Projeto..., 2011) e foi o ícone grevista que moveu a Universidade para os enfrentamentos. Reforçaram também que a Faculdade foi responsável por desempenhar “[...] um papel, vamos dizer assim, decisivo! Quem realmente paralisou a Universidade foi a Faculdade de Educação. [...] Não houve uma formatura enquanto não acabou a greve” (Jacarandá; Projeto..., 2011).

Os professores se mostraram, pelo que foi dito nas entrevistas, sujeitos ativos no contexto dessas mobilizações. É a subjetividade do presente que dá o tom às lembranças. E isso talvez explique por que atribuíram maior destaque à beleza e ao envolvimento naquelas situações do que às dificuldades, propriamente ditas. É possível que tenham preferido valorizar sua presença naquele grupo identificado com uma instituição engajada que buscava o fortalecimento da universidade pública.

Não obstante, nos deparamos com uma voz dissonante. Apesar de aderir às paralisações, um docente conseguiu problematizar outras questões, para além de uma visão positiva daquele contexto, comumente abordada pelos outros narradores. Enfatiza que, apesar de todas as conquistas, “que não foram poucas”, também houve “tristeza, sim!” (Mimo de Vênus; Projeto..., 2012). Para Mimo de Vênus, interromper as aulas significava prejudicar os alunos com o adiamento das formaturas e a retenção dos conceitos. Enfatizou que muitos servidores públicos se aproveitaram do momento para autopromoção política.

Outro aspecto encontrado nas narrativas é o de que as greves dos professores tiveram como aliados alunos e servidores técnicos administrativos que se somaram na busca por melhores condições educacionais e de trabalho. Segundo os depoentes, suas ações conjuntas foram responsáveis por alterar o posicionamento político e curricular da UFRGS. Neste sentido, falaram sobre as constantes assembleias, eventos em que era esperada uma tomada de “[...] posição em relação a apoiar ou não a greve [...]. Houve momentos de tanta definição que praticamente tu não conseguia ficar em cima do muro” (Flamboyant; Projeto..., 2012). De acordo com ela, aquelas discussões promoveram o amadurecimento pessoal de todos os envolvidos.

O movimento grevista passou então a ocupar diferentes espaços da cidade e as numerosas passeatas, que saíam do Campus Central da Universidade em direção ao Centro Histórico da capital, tinham o objetivo de chamar atenção da opinião pública e conferir legitimidade à mobilização. A causa exigia dedicação dos participantes que não podiam ficar alheios, esperando que a situação se resolvesse à sua revelia. Os entrevistados afirmam que não dar aulas assumia uma conotação de estar na luta, estar na FACED, ocupando aquele espaço como grevistas.

## PERICAMPUS

[...] tinha o primeiro projeto popular que era o PERICAMPUS, então agora a Pedagogia ia mudar (Cipreste; Projeto..., 2011).

Uma importante questão discutida na UFRGS nos anos 1980 foi a necessidade de buscar maior integração na sociedade, no intuito de contribuir, de fato, para a melhoria das condições de vida das comunidades periféricas. Nessa perspectiva, foram desenvolvidas duas gran-

des ações, o Projeto Itapuã, na zona rural de Viamão e o Programa de Integração Universidade e Escolas de 1º Grau de Periferia Urbana da Grande Porto Alegre (PERICAMPUS), que atingia o entorno do Campus do Vale, no Bairro Agronomia. Ambos foram coordenados pela Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS (PROREXT), envolvendo ensino, pesquisa e extensão.

Implantado em 1981, o PERICAMPUS contou com a atuação da professora Merion Campos Bordas, que o considerava um “filho do coração” (Bordas; Andreola, 2010, p. 307). Mentora do Projeto<sup>24</sup> esteve à frente dele até 1991, quando o mesmo foi extinto. Segundo Bordas, o professor Ludwig Buckup<sup>25</sup>, da área de Biociências, era Pró-Reitor de Extensão e, movido pelo clima da redemocratização, “[...] queria fazer uma extensão diferente, realmente prá fora, para aprender coisas” (Bordas; Andreola, 2010, p. 307). Ludwig convidou Merion Bordas para assessorá-lo na Pró-Reitoria, “[...] então nós criamos a partir daqui da Faculdade o Projeto PERICAMPUS” (Bordas; Andreola, 2010, p. 307).

O propósito era no sentido de promover uma maior qualidade de vida e de ensino nas escolas públicas da periferia urbana, ou seja, envolvia diretamente questões ligadas à saúde e à educação. Inicialmente, contou com a participação do Curso de Medicina, especialmente destacando-se a atuação do professor Mauro Luiz Pozatti, do Departamento de Medicina Social, quando se desenvolveram atividades nas comunidades ao redor do Campus do Vale. Logo em seguida, a participação do Curso de Pedagogia e, na sequência, agregaram-se outros. Segundo Merion Bordas, pelo menos dez cursos estiveram envolvidos como Letras, Psicologia, Educação Física, Odontologia (Bordas; Andreola, 2010). Assim, alunos e professores procuravam compartilhar aquilo que aprendiam na Universidade, promovendo um intercâmbio de ideias, conhecimentos e serviços. Nas palavras da professora: “[...] então a gente começou... tem um pessoal da Medicina, mas eu acho que a educação tem que entrar nisso aí, então vamos lá... nós inventamos esse projeto, o PERICAMPUS” (2012).

Entre seus principais objetivos, estava a intenção de contribuir para uma maior qualidade da educação básica que era oferecida pelas escolas públicas às “populações de baixa renda” (Luce; Bordas, 1992-1993, p. 10). Os subprojetos do PERICAMPUS levavam para as salas de aula possibilidades de um ensino interdisciplinar, voltado especialmente para o desenvolvimento de saberes próprios da Língua Portuguesa e da Matemática. Além disso, havia uma preocupação em identificar e tentar minimizar os fatores determinantes que ocasionavam o fracasso na aprendizagem e a evasão escolar. Para atingir a proposta de ação interdisciplinar, foi necessária a elaboração de diferentes subprojetos que envolviam, além de professores-pesquisadores da equipe de coordenação, estudantes universitários (bolsistas, auxiliares de pesquisa e/ou voluntários), professores de primeiro grau de ensino e alunos de escolas públicas que frequentavam da pré-escola a oitava série (Luce; Bordas, 1992-1993).

O Projeto iniciou na Vila Jardim Universitário em Viamão. Conforme Merion Bordas, o Secretário de Educação do município pediu auxílio à UFRGS porque havia um alto índice de evasão e de repetência escolar na primeira série do primeiro grau de ensino. Assim, se instituiu o subprojeto intitulado *Avaliação, não Reprovação*, coordenado por Dinora Fraga<sup>26</sup>. O importante era não reprovar na primeira série, pensar em outras formas de lidar com o problema. Segundo Bordas:

Foi difícil trabalhar com a escola. Não pensem que foi fácil. Foi difícil trabalhar com os professores, embora os mais jovens fossem mais acessíveis. Mas nós trabalhávamos com a escola, não íamos lá para ensinar. O trabalho se expandiu depois para outras vilas de Viamão, principalmente a Vila Isabel (Bordas; Andreola, 2010, p. 302).

Definido como projeto ousado pela sua mentora, notadamente interdisciplinar, agregou professores dos três departamentos da Faculdade, conduzindo subprojetos específicos. Dinora Fraga da Silva, Ana Cristina Rangel<sup>27</sup> e Rosa Hessel<sup>28</sup> do Departamento de Estudos e Currículo (DEC), Neusa Armelini<sup>29</sup> e Cacilda Zorzo<sup>30</sup> do Departamento de Estudos Especializados (DEE) e Liliana Fagundes<sup>31</sup> e Elisabete Otero<sup>32</sup> de Departamento de Estudos Básicos (DEBAS).

Os subprojetos da Matemática e da Língua Portuguesa, dos quais Ana Cristina Rangel e Rosa Hessel da Silveira fizeram parte da coordenação, nos parecem ter sido significativos. Semanalmente, professoras e bolsistas iam às escolas, trabalhavam com as crianças e também com a formação continuada dos professores.

Ficamos imaginando o que movia essas docentes a participarem do PERICAMPUS. Segundo Figueira (Projeto..., 2012), “[...] nós éramos um grupo de gente inconformada, não conformista, é isto, a melhor palavra por descrever”. Plátano (Projeto..., 2013) falou das motivações pessoais, do quanto se alinhava às tendências políticas de esquerda que defendiam uma Universidade que se aproximasse das escolas públicas e das classes populares. Nada melhor do que se engajar em um projeto dessa magnitude que tinha um forte compromisso social. Esse grupo estava ávido por mudanças e queria uma UFRGS diferente do passado.

E as bolsistas? Para quem participava do PERICAMPUS, essa parece ter sido uma oportunidade singular de formação por fomentar o exercício da alteridade, a construção de uma postura pedagógica de acolhimento ao outro e respeito à diversidade cultural. A partir de sua implementação, passou a ser aceito como possibilidade de estágio para as alunas que puderam experimentar a prática docente em outros espaços, distintos do Colégio de Aplicação da UFRGS. Nos últimos anos da década de 1980, Merion Bordas afirmou que eram numerosos os estudantes que trabalhavam nos diferentes subprojetos, sendo, inclusive, contemplados por bolsas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (Bordas; Andreola, 2010).

Algo que não pode ser esquecido é o fato das práticas desenvolvidas pelo PERICAMPUS se constituírem em tema de pesquisa de professoras da FAGED em seus estudos de Mestrado e Doutorado. Para Luce e Bordas (1992-1993, p. 11), após os três primeiros anos de implantação do PERICAMPUS, “[...] tornou-se cada vez mais explícita a necessidade de sistematizar e dar maior consistência à atividade de pesquisa, considerada como a contribuição mais valiosa que a educação superior poderia trazer aos outros níveis de ensino”. Merion Bordas, especialmente, orientou teses e dissertações, cujas temáticas eram atravessadas pelo PERICAMPUS, “[...] pelo menos umas cinco dissertações de mestrado e duas teses de doutorado que são produtos do projeto” (Bordas; Andreola, 2010, p. 308). Destaca as teses de doutorado de Rosa Maria Hessel Silveira (1995) e de Marisa Cristina Vorraber Costa (1995). A tese da Naira Lisboa Franzoi (2003) também foi lembrada por Bordas, pois a autora trabalhou com as mulheres que tinham filhos nas escolas atendidas pelo PERICAMPUS. Além desses, também os estudos de Maria Bernadette Castro Rodrigues (1993), Maria Isabel Habckost Dalla Zen (1991), Ana Cristina Souza Rangel (1988), entre outros, foram fruto de suas experiências nos subprojetos de Matemática e Língua Portuguesa.

É possível inferir que este Programa promoveu a formação de outro tipo de professor universitário, o professor pesquisador. Nas palavras de Acácia (Projeto..., 2012), o PERICAMPUS foi “[...] a minha primeira experiência de pesquisa dentro da Faculdade de Educação. Eu entrei muito crua aqui como Professora Auxiliar de Ensino. Eu fiquei professora, eu me formei uma professora universitária aqui dentro”.

Porém, nem todos na Universidade estavam de acordo com a implementação dessas ações de viés comunitário. Balduino Andreola enfatizou algumas polêmicas envolvendo o PERICAMPUS. No Conselho Consultivo da Universidade, defendeu sua importância e foi acusado de promover assistencialismo, quando deveria estar preocupado em “produzir conhecimento de nível” (Bordas; Andreola, 2010, p. 307). Na Faculdade de Educação, não foi diferente, houve quem desmerecesse o Programa, e aqueles envolvidos nos subprojetos eram condenados como “ativistas” (Bordas; Andreola, 2010, p. 309), taxados como militantes que transformavam a prática educativa em filantropia. Essas diferenças evidenciam aqueles que lutavam por uma universidade plural e democrática e aqueles que ainda carregavam as marcas da tradição, que postulavam a ideia deste lugar ser um privilégio das elites.

O PERICAMPUS se manteve ativo até 1991. Por que deixou de existir? Podemos concluir que o Programa não conseguiu se afirmar como política pública da UFRGS. Foram dez anos de inserção social que geraram conflitos internos de posicionamentos, mas promoveram modificações significativas para a formação docente proposta pela FAGED. Uma das entrevistadas conseguiu perceber aproximações entre o PERICAMPUS e a formação promovida nos anos 2000 pela Faculdade.

A forma de ver a formação docente, de como é que a gente entende que o aluno que está se formando na Pedagogia UFRGS onde tem que atuar, o que fazer. [...] Mas na Pedagogia ainda hoje, em 2014 tem influência do PERICAMPUS. Eu arrisco dizer. Assim, de como os estágios mantém as reuniões semanais, reuniões com planejamento para o aluno (Ipê Amarelo; Projeto..., 2014).

Talvez esta tenha sido a ação mais contundente da Faculdade de Educação nos anos 1980. O PERICAMPUS é um ícone da FACED, representa os movimentos próprios de um tempo em que era preciso dizer não ao passado recente e apostar em um futuro melhor para a Universidade e para o país.

### Considerações Finais

Nesta mirada para a Faculdade de Educação, o que nos move é o propósito de contribuir para que essas memórias não se dissolvam, não sejam esquecidas. Houve aqui uma tentativa de condensá-las neste texto. Tarefa difícil, quicá impossível, e, certamente, inacabada. Elegemos alguns episódios, no nosso entender, merecedores de uma análise mais detalhada. Importa reforçar que os temas abordados foram apontados pelos próprios entrevistados: Ébano Oriental, Figueira, Flamboyant, Grevilha, Ipê Amarelo, Ipê Roxo, Jacarandá, Mimo de Vênus, Paineira, Palmeira, Tipuana, Canafístula, Cinamomo, Cipreste, Acácia, Araçá, Plátano, Araucária, Timbaúva, Ligustro, Pitangueira e Guapuruvu. Cada um deles, de acordo com os lugares de sujeito que ocuparam no passado e ocupam no presente, indicou caminhos para narrar suas memórias relativas à FACED.

A década de 1980 e seus arquétipos representam uma estética que logo começou a se delinear na Faculdade de Educação, projetando os conhecimentos produzidos para além da UFRGS. O PERICAMPUS foi uma das principais ações que sustentou a discussão sobre as questões educacionais presentes nas escolas públicas.

Falamos de outra temporalidade na FACED, quando havia um grupo menor de docentes na instituição, muitos deles jovens. Nas lembranças, um certo saudosismo comparece nas falas. Narrativas que contam peripécias de professores que, clandestinamente, precisaram arrombar o prédio da Faculdade para procurar um deles que havia desaparecido momentaneamente, mas, na verdade, estava em um bar na Avenida Osvaldo Aranha, reencontrando amigos. Narrativas de professores que moravam juntos, como se estudantes fossem, histórias que conviveram com os caminhos percorridos pelo Bairro Bom Fim e pelo Parque da Redenção que circundam o Campus Central da Universidade. Memórias marcadas por uma nostalgia da juventude, quando havia muita esperança em um Brasil que *renascia* após a ditadura.

Os anos 1980 representam o *extramuros* da Universidade, a busca pela inserção na comunidade. Talvez possamos dizer que esta “cons-

ciência social ativa” (Figueira; Projeto..., 2012) seja a base da formação que, hoje, a Pedagogia da UFRGS vem mantendo. Na sequência, talvez inspirados pelo PERICAMPUS, os comprometimentos da Faculdade com projetos educacionais nos assentamentos do Movimento dos Sem Terra, os pactos assumidos com os movimentos populares e com aqueles excluídos da sociedade escolarizada. Os projetos de educação de jovens e adultos, a educação indígena, as aproximações dos meninos e meninas de rua, dos movimentos negros dão o tom e evidenciam quem é a FAGED nesta segunda década do século XXI.

Pensando no presente e no futuro da FAGED, organizamos uma roda de conversa com estudantes do Curso de Pedagogia, em 2016. Perguntamos a elas o que almejavam para a Faculdade. Ideias potentes foram evocadas: a esperança de uma *Universidade aberta*, a importância da manutenção das políticas de cotas raciais e sociais, a espera por um maior reconhecimento social da profissão de professora, a vontade de ter um maior número de homens na Pedagogia. Nas palavras de uma narradora, “[...] foi emblemático ver em 2012, pessoas negras e indígenas em uma sala de aula, isso no Curso de Pedagogia que é um curso menos elitizado”. Ainda, entendem a Faculdade como um espaço de reflexão, de luta contra o racismo e homofobia. Valorizam as possibilidades de iniciação à pesquisa, à extensão e à docência, por meio de bolsas. Entretanto, percebem a necessidade de se constituir um currículo sensível, interdisciplinar, em que possam estabelecer suas prioridades. Destacamos uma síntese da conversa: “[...] então, principalmente, o que a gente espera: novos horários, novos lugares e novas formas de ensino”.

Como última questão a ser discutida neste texto, o sentimento de considerar a Faculdade como uma *casa*, uma associação que atravessa o tempo das gerações, se faz presente em narrativas dos mais velhos, embora não haja unanimidade, e está nas falas das jovens estudantes. Como compreender essa recorrência? Um professor diz “essa casa me acolheu por muitos e muitos anos” (Jacarandá; Projeto..., 2011), uma estudante (2016) avalia o contexto da Faculdade e afirma “[...] é um prédio muito precário, que, na realidade, é um reflexo da educação como um todo. Mas eu me sinto bastante em casa. Isso foi marcante para mim nos primeiros semestres o quanto me sentia em casa”. Conclui-se que estar na FAGED em 1970, 1980, 1990 e nos anos 2000 é como encontrar uma espécie de refúgio, que acolhe pessoas diferentes entre si, especialmente pensando neste início do século XXI. A FAGED, um lugar habitado por muitas pessoas há décadas, um lugar memorável, como diz Ricoeur (2007). No prédio modernista de dez andares que se destaca no Campus Central da UFRGS, convivem estudantes, professores e técnicos administrativos, convivem diversidades étnico-raciais, diversidades sociais, diversidades culturais.

E como será o amanhã da Faculdade de Educação? Como diz Tabajara Ruas (1989, p. 86) “o futuro é fruto do imponderável”. Entretanto, fica o desejo de que aqueles três princípios que guiaram o coletivo da

FACED nos anos 1980 *democratização, participação e retomada do conceito de coisa pública* não se desvanecem e permaneçam como fortalezas inspiradoras para professores, estudantes e técnicos administrativos no desenvolvimento de suas atividades nesta instituição.

Recebido em 14 de agosto de 2016  
Aprovado em 18 de outubro de 2016

## Notas

- 1 Esses documentos estão salvaguardados no Arquivo da FACED, sala 610 do Prédio da Faculdade de Educação/Campus Central da UFRGS.
- 2 Este projeto teve início em 2010 com a instalação do acervo documental da FACED e a produção de um acervo de memórias orais, a partir de entrevistas com antigos professores. Estas ações procuram dar visibilidade às diferentes memórias que constituíram a Faculdade de Educação da UFRGS.
- 3 A micro-história italiana constitui-se como uma prática historiográfica, essencialmente baseada na redução da escala da observação em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental (Levi, 1996). A ênfase da micro-história está no procedimento definido pela História Social no sentido de reduzir para pormenorizar, ampliar para entrelaçar outras dimensões sociais envolvidas no estudo. Trata-se, assim, de uma guinada analítica desenhada com o objetivo de realçar a complexidade das relações sociais (Lima, 2006).
- 4 Sobre este desdobramento da pesquisa ver: Almeida, Lima e Silva (2013).
- 5 Reforma Universitária de 1968, Lei nº 5.540, de 28/11/68 (Brasil, 1968).
- 6 Constituíram-se três Departamentos na Faculdade de acordo com as áreas de conhecimento afins, vigentes até a presente data. Assim, o Departamento de Estudos Básicos (DEBAS) é formado pelas áreas de Aprendizagem em Ambientes Digitais, Educação Especial/Inclusão Escolar, Filosofia da Educação, História da Educação, Psicologia da Educação e Sociologia da Educação; o Departamento de Ensino e Currículo (DEC) congrega as áreas de Ensino (Didática, Estágio, etc.) e Currículo (Teorias do Currículo, Organização Curricular, Planejamento e Avaliação, etc.) e o Departamento de Estudos Especializados (DEE) abrange as áreas de Política e Administração da Educação, Educação Infantil, Educação de Jovens e Adultos, Psicopedagogia e Tecnologia em Educação. Disponível em: <[www.ufrgs.br/faced](http://www.ufrgs.br/faced)>. Acesso em: 20 set. 2016.
- 7 A Faculdade de Filosofia, a partir da Reforma Universitária de 1968, teve seus 11 cursos desmembrados.
- 8 O INEP possuiu diferentes nomes desde sua criação: Instituto Nacional de Pedagogia (1937), Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (1938), Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (1972) e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2001) em reconhecimento aos anos que o professor Anísio Teixeira esteve à frente do Instituto, proporcionando expansão e desenvolvimento da pesquisa educacional.
- 9 O Campus Central da UFRGS é composto por dois quarteirões circundados pelas avenidas João Pessoa, Eng. Luiz Englert, Paulo Gama, Osvaldo Aranha e cortado pela Rua Sarmento Leite.

- 10 Ver Dissertação de Mestrado de Lima (2016).
- 11 Hoje, Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu).
- 12 Parecer n. 657/74 do Conselho Federal de Educação.
- 13 A Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (atual CAPES) foi criada em 11 de julho de 1951, pelo Decreto n. 29.741 (Brasil, 1951).
- 14 Parecer 181/82 Conselho Federal de Educação.
- 15 Ver Holzmann et al. (2008) Associação dos Docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – ADUFRGS.
- 16 Fala de Ipê Amarelo (Projeto..., 2011).
- 17 No começo da década de 1980 esta expressão aparecia escrita em diversos muros da cidade, provavelmente influenciada pelo filme gaúcho “Deu pra ti anos 70” que tem direção de Giba Assis Brasil e Nelson Nadotti e apresenta um painel da década de 70 a partir do dia-a-dia da juventude de Porto Alegre na virada dos anos 1970 para os 1980.
- 18 Material doado por Flamboyant ao Arquivo da FACED.
- 19 O Curso de Pedagogia existe desde 1943, na então denominada Faculdade de Educação Ciências e Letras da Universidade de Porto Alegre.
- 20 Entre o grupo de entrevistados que ingressaram na Faculdade de Educação como docentes na década de 1980 todas são mulheres.
- 21 Sobre o pátio na área dos pilotis do prédio da FACED ver Lima (2016).
- 22 Trecho da música Horizontes composta por Flávio Bicca Rocha para a peça de teatro Bailei na Curva.
- 23 Fonte: SEDUFMS (2012). Histórico das greves – UFSM. Foram suprimidos os detalhamentos das reivindicações por envolverem questões para além das discussões propostas neste texto.
- 24 Neste estudo, utilizamos as denominações Projeto e Programa para designar o PERICAMPUS, pois na documentação consultada (Relatórios de Gestão) ambas nomenclaturas estão presentes.
- 25 Professor emérito da UFRGS com vasta produção científica, atuação na proteção ambiental e promoção da cultura no Estado.
- 26 Dinora Fraga da Silva ligada aos estudos no campo da semiótica, como teoria para compreensão das linguagens multimodais em contextos digitais.
- 27 Ana Cristina Souza Rangel é pesquisadora e autora de diversos artigos e capítulos de livros sobre Educação Matemática.
- 28 Rosa Hessel Silveira atua principalmente nos seguintes temas: Estudos Culturais, identidade, diferença, literatura infanto-juvenil, representações docentes, discursos, leitura e produção textual.
- 29 Neusa Junqueira Armellini professora ligada à alfabetização de jovens e adultos.
- 30 Cacilda Maria Zorzo professora do DEE com ênfase em ensino-aprendizagem.
- 31 Liliansa Maria Rosa Fagundes professora do DEBAS ligada à alfabetização das classes especiais.
- 32 Elisabete de Sousa Otero professora do DEBAS ligada à alfabetização de jovens e adultos.

## Referências

- ALMEIDA, Doris Bittencourt; LIMA, Valeska Alessandra de; SILVA, Thaise Mazzei da. A Constituição da Faculdade de Educação/UFRGS em Tempos de Ditadura Militar (1970 - 1985). **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 5, n. 10, p. 317-346, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/tempoeargumento>>. Acesso em: 30 ago. 2016.
- BECKER, Fernando. Depoimento. In: COM dor. Direção: Giancarla Miranda Brunetto. Documentário. Porto Alegre: UFRGS, 2008 (29 min).
- BORDAS, Merion Campos; ANDREOLA, Balduino Antonio. Os quarenta anos da Faculdade de Educação da UFRGS. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 299-320, maio/ago. 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/issue/view/1081/showToc>>. Acesso em: 28 maio 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. Decreto n. 29.741 de 11 de Julho de 1951. Institui uma Comissão para promover a Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de pessoal de nível superior. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 13 jul. 1951. P. 10425.
- BRASIL. Ministério da Educação. Lei n. 5.540 de 28 de Novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 28 nov. 1968. P. 10369.
- CHARTIER, Roger. **À beira da Falésia**: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.
- CORBIN, Alain. O Prazer do Historiador: entrevista concedida a Laurent Vidal. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 49, p. 11-31, jan./jun. 2005.
- COSTA, Marisa Cristina Vorraber. **Gênero, Classe e Profissionalismo no Trabalho de Professoras e Professores de Classes Populares**. 1995. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.
- DEL PRIORE, Mary; VENANCIO, Renato. **Uma Breve História do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral**: memória, tempo, identidades. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010
- DOLL, Johannes; COMERLATO, Denise. Editorial. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 05-08, maio/ago. 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/15858/9440>>. Acesso em: 17 jun. 2012.
- ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a Memória é de Quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. **História da Educação**, Pelotas, v. 4, n. 8, p. 141-174, set. 2000.
- FACCHIN, Roberto. **Minuta Regimento e Estatuto Faculdade de Educação da UFRGS**. Porto Alegre: Faculdade de Educação da UFRGS, 1973.
- FRANZOI, Naira Lisboa. **Da Profissão como Profissão de Fé ao 'Mercado em Constante Mutação'**: trajetórias e profissionalização dos alunos do plano estadual de qualificação do Rio Grande do Sul (PEQ-RS). 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- HOLZMANN, Lorena et al. (Org.). **Universidade e Repressão**: os expurgos na UFRGS. 2. ed, Porto Alegre: L&PM; Associação dos Docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – ADUFRGS, 2008.
- LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO,

- Janaina (Org.). **Usos e Abusos de História da Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. P. 167-182
- LIMA, Henrique Espada. **A Micro História Italiana: escalas, indícios e singularidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LIMA, Valeska Alessandra de. **Colégio de Aplicação da UFRGS: práticas educativas adormecidas entre o arquivo e a memória oral (1954-1981)**. 2016. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- LUCE, Maria Beatriz Moreira; BORDAS, Merion Campos. **Programa de Alfabetização de Crianças, Jovens e Adultos Faced/UFRGS: alfabetização, ensino fundamental e cidadania integrando universidade, sistema de ensino e comunidade (Proposta de trabalho)**. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, 1992-1993.
- MAGALHÃES, Justino. Contributo para a História das Instituições Educativas: entre a memória e o arquivo. In: FERNANDES, Rogério; MAGALHÃES, Justino. **Para a História do Ensino Lical em Portugal: actas dos colóquios do I centenário da reforma de Jaime Moniz (1894-1895)**. Braga: Secção de artes gráficas das oficinas de trabalho, 1999. P. 63-77.
- PAES, Isolda Holmer. Colégio de Aplicação: naqueles primeiros dias.... **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 75-81, jan./abr. 1983.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.
- PROJETO Memórias e Histórias da Faced. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.
- PROJETO Memórias e Histórias da Faced. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.
- PROJETO Memórias e Histórias da Faced. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.
- PROJETO Memórias e Histórias da Faced. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.
- PROJETO Memórias e Histórias da Faced. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.
- RANGEL, Ana Cristina Souza. **Educação Matemática e a Construção do Número pela Criança: uma experiência em diferentes contextos sócio-econômicos**. 1988. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1988.
- RICOEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. São Paulo: Editora UNICAMP, 2007.
- RODRIGUES, Maria Bernadette Castro. **Formação de Professores para a Educação Infantil: análise de uma habilitação**. 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SEDUFISM, Seção Sindical dos Docentes da UFISM. Histórico de Greve. Santa Maria, 2012. Disponível em: < <http://www.sedufism.org.br/index.php?secao=greve>>. Acesso em: 21 set. 2016.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **A Polifonia na Sala de Aula**: um estudo do discurso pedagógico. 1995. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

ZEN, Maria Isabel Habckost Dalla. **Histórias de Leitura na Vida e na Escola**: uma abordagem lingüística, pedagógica e social. 1991. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.

**Doris Bittencourt Almeida** é professora de História da Educação da Faculdade de Educação e no Programa de Pós-graduação em Educação/UFRGS.  
E-mail: almeida.doris@gmail.com

**Valeska Alessandra de Lima** é mestre em Educação pelo PPGEDU/UFRGS, licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação/UFRGS.  
E-mail: vlima.crk@gmail.com